



Nº 7

Janeiro de 2015

## **Pelas Ruas da Amargura**

A sociedade açoriana continua mergulhada numa profunda crise que é resultado das políticas que têm sido seguidas quer pelo governo da república da responsabilidade do PPD/PSD e do CDS/PP, partidos que estão ao serviço do capitalismo selvagem que domina todo o mundo, e do PS, partido que se diz socialista, que se afirma seguidor da social-democracia mas que na prática é o melhor gestor do capital.

Ao contrário do que é propalado pelos propagandistas dos governos e dos partidos que os suportam, a crise para as famílias das classes trabalhadoras continuou em 2014 e vai continuar em 2015.

A esmagadora maioria das pessoas, mesmo as que estão a passar por muitas dificuldades, estão apáticas, não reagindo com vista a alterar a situação atual pois vivem ludibriadas, esquecendo-se que quem está a dar esmolas e a fomentar a caridade são os mesmos que criaram a miséria em que vivem.

Hoje, o medo e a submissão estão instalados na sociedade. Os partidos, mesmo os que dizem representar os trabalhadores, preocupam-se unicamente com a ocupação de postos no aparelho de estado, os sindicatos estão enfeudados aos partidos e as cooperativas transformaram-se em empresas capitalistas ao serviço de uns poucos.

A sociedade açoriana só se conseguirá libertar das grilhetas se for capaz de gerar espaços autónomos de educação, formação e luta por melhores condições de vida.

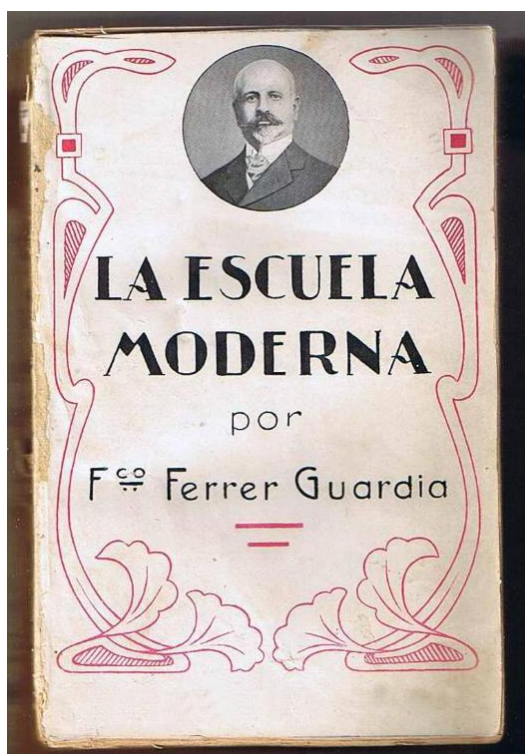
Este número do Vida Nova é inteiramente dedicado à educação, nomeadamente a dar a conhecer um pouco quem foi Francisco Ferrer.

José Libertário

## Sobre Ferrer ...

### A morte dos apóstolos e o triunfo das suas ideias ...

Este artigo podia começar com as mesmas palavras com que eu principiaria um capítulo das minhas memórias...



Isto porque a morte de Ferrer e a morte de D. Carlos são as únicas sensações vivas, nítidas, que nos arquivos da memória eu guardo da minha infância, tão querida e já tão distante, tão esfumada já nos horizontes da saudade.

Fuzilaram Ferrer... Assassinaram D. Carlos...

O povo da minha aldeia remota, costumado apenas a contemplar o

geórgico panorama da terra nativa, não conhecia o monarca que deixou medrar ao seu lado o dragão da tirania, nem tampouco o reformador que adorava a Liberdade. Eu também não os conhecia – a sombra desses dois homens não se havia projectado ainda sob o ciclo dos meus dez anos escassos.

Mas as notícias da morte de D. Carlos, as notícias da morte de Ferrer, chegaram até à aldeia como o regougar dum vulcão, – e sob o vale tranquilo estenderam-se as asas translúcidas dum terror longínquo.

O povo tinha a sensação de quem sabe que, a determinada hora, dar-se-á uma tragédia estranha em ignoto lugar, – uma tragédia que sentimos mas que não podemos evitar, pois ela é apenas uma enunciação; um fluído errante...

Eu senti também esse terror, esse mistério que pairava sobre o povo e que o povo não sabia explicar – pois para ele o mundo terminava para além da pequena serra que debruava a aldeia.

E eu nunca mais esqueci esses dois momentos. E hoje que os posso definir, analisar o ambiente que os gerou, eles vivem ainda intensamente em mim, – um – o de D. Carlos – ligado por estranha coincidência á recordação dum

pombal, onde havia pombas brancas, muito brancas e junto às quais eu soube do assassinato do monarca.

D.Carlos foi assassinado em nome da Liberdade, – e já entre os romanos, que ainda hoje detêm certos códigos de direito que a justiça contemporânea não desdenha de estudar e seguir, abater a um tirano não era um crime – era uma acção nobre. Brutus era considerado filho de César e deste havia recebido imensas benesses. Mas quando César quis ultrapassar os domínios do próprio despotismo, Brutus não vacilou em assassiná-lo.

Francisco Ferrer y Guardia, ao contrário de D. Carlos, foi fuzilado em nome da Tirania – dessa tirania negra que usa mitra e báculo e que se chama a igreja. A igreja seria a maior vergonha de deus – se deus existisse.

Estas duas anotações feitas á margem das sensações da infância, explicam o terror que envolveu a minha aldeia quando fuzilaram a D. Carlos e a Ferrer – a Ferrer a quem a minha aldeia não conhecia e de quem nunca tinha ouvido falar...

Mas que lugar da península, embora mui remoto, não teve a noção, por um estranho fenómeno de telepatia colectiva, que ao matarem Ferrer tentaram apagar a um vulcão?

Como se esses risíveis bombeiros clericais pudessem exterminar as

chamas duma nova ideia! Como se eles pudessem deter essa torrente incandescente de lava que principiava a invadir tudo e que não se deteve ainda!

Há mortes que são precisas – a morte dos apóstolos de qualquer ideia. A igreja, ao mandar fuzilar a Ferrer, em nome de velhas doutrinas, lavrou a sentença de morte dessas próprias doutrinas e deu vida àquelas que Ferrer defendia.

A igreja crucificou-se mais uma vez sob essa cruz de ignomínia e de olvido que ela quis erguer para Ferrer. E a Espanha clerical e burguesa viu a sua atitude repudiada por todo o mundo culto. E as ideias da vítima tiveram novos adeptos, encontraram novos horizontes. Marcharam para o triunfo.

É-me consolador assinalar isto, agora que passa o aniversário da morte de Ferrer, – agora que a Espanha comemora a descoberta da América, onde ela desfraldou impunemente as bandeiras negras da Tirania e da Expoliação.

## **FERREIRA DE CASTRO**

Fonte:

<http://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2014/10/13/efemeride-ha-90-anos-ferreira-de-castro-escrevia-no-suplemento-da-batalha-sobre-ferrer-y-guardia/>

## Ferrer executado ...

**Francisco Ferrer i Guàrdia**  
**\*Fundador da Escola Moderna foi executado há um século**



Se muitos conhecem o filósofo Jonh Dewey ou o pedagogo brasileiro Paulo Freire, a maioria desconhece que o inspirador destes reputados pensadores foi o catalão autodidata Ferrer i Guàrdia (1849-1909).

O criador da Escola Moderna, fundamentada em ideais libertários, nasceu a 14 de janeiro de 1859, em Alella, na Catalunha. Na adolescência começa a contestar o regime monárquico e o poder da igreja sobre o Estado e os cidadãos. Através da sua ligação com os republicanos, participa em

tentativas para derrubar do poder a monarquia e que visavam a instauração da república em Espanha.

Devido à sua atividade política e social, foi exilado em Paris, em 1886, onde conheceu o ideal libertário preconizado pelos anarquistas e identifica-se com Paul Robin, o teórico da Pedagogia Integral e fundador do Orfanato de Cempuis na cidade de Paris.

Em abril de 1901 Francisco Ferrer i Guàrdia recebe uma herança de uma viúva francesa a quem dava aulas de castelhano em Paris. Aos que tratavam de o convencer em utilizar o dinheiro para fins eleitorais, como o líder republicano-socialista radical Alejandro Lerroux responde: "Servirei melhor as minhas ideias fundando a Escola Moderna do que fazendo política".

No seu livro La Escuela Moderna, Ferrer definia assim o objetivo da Escola Moderna: "Extirpar do cérebro dos homens tudo o que os divide,

substituindo-os pela fraternidade e a solidariedade indispensáveis para a liberdade e o bem-estar gerais para todos."

O ensino ministrado seguia as seguintes orientações: o aluno é livre, livre inclusive de deixar a escola. O aluno goza de uma ampla liberdade de movimentos: vai ou não ao quadro, consulta ou não este ou aquele livro, entrega-se às suas fantasias quando isso lhe agrada, e até pode sair da sala de aula quando tem vontade de o fazer. Não havia exames, nem muito menos castigos e recompensas.

Na realidade, a Escola Moderna foi um importante foco de educação popular: constituída por ensino primário, foi a primeira escola mista na Espanha (inédito na época em muitos países europeus), de dia era para crianças e à noite para adultos; teve aulas de francês, de inglês, alemão, taquigrafia e contabilidade; estava apetrechada com um local onde se realizavam conferências, vocacionado para os sindicatos e as coletividades operárias; tinha ainda uma editora a fim de suprir a crônica falta de material didático, e graças à qual foram editados

manuals escolares, livros para adultos, folhetos, informações e um boletim.

Aos domingos funcionava como uma universidade popular acessível a todos.



Além disso, Ferrer é defensor da educação física e da natação, ao mesmo tempo que rejeita os jogos e as provas de competição que servem para alimentar a vã glória dos seus participantes. Estimula os trabalhos manuais para os rapazes, assim como a jardinagem, a limpeza e os trabalhos domésticos, uma forma de nivelar ambos os sexos na execução das mesmas tarefas.

O local escolhido para a instalação da primeira escola foi um antigo convento da rua Bailén, na cidade de Barcelona, tendo aberto as suas portas a 8 de outubro de 1901.

Não é de todo alheio à Escola Moderna e aos seus ideias o fato de a



Catalunha ter estado na vanguarda das lutas emancipadoras nos últimos cem anos.

Em 1905 a Escola Moderna espalha-se por 147 espaços por toda a Catalunha. Em 1908 contam-se mil alunos só na cidade de Barcelona, e criam-se centros de ensino do mesmo gênero em Madri, Sevilha, Málaga, Granada, Cádiz, Córdoba, Palma, Valência, assim como noutros países (em São Paulo, Lausanne, Amsterdam e Lisboa).



Em junho de 1906, o governo espanhol fecha a escola-mãe, na rua de Bailén, na sequência do atentado

bombista de Mateo Morral, bibliotecário

da Escola Moderna, contra a carruagem real no dia da casamento de Alfonso XIII. Ferrer i Guàrdia é detido e processado como instigador do atentado. Absolvido das acusações, Ferrer sai da prisão em junho de 1907, mas a Escola-mãe em Barcelona jamais reabrirá portas.

Ferrer promove a criação da revista L'École Renouvée com o subtítulo "extensão internacional da Escola Moderna de Barcelona", cujo primeiro número é editado em Bruxelas a 15 de abril de 1908 e onde explicitamente se defendia que o militarismo era um crime, que a distribuição desigual dos rendimentos devia ser abolida, que o sistema capitalista era prejudicial aos trabalhadores e que a política dos governantes era injusta. Também defendia a não-violência.

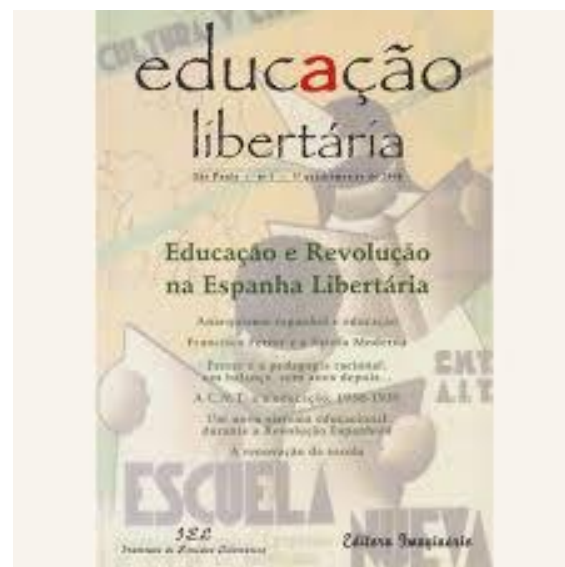
Ao fundar em 1908 a "Liga Internacional para a educação racional da infância" conta com apoiantes de peso como Languévin, Bernard Shaw, Berthelot e Gorki.

No ano seguinte, vários protestos eclodiram na Catalunha contra a guerra

da Espanha com Marrocos. Estes acontecimentos ficaram conhecidos como Semana Trágica e foram marcados pela revolta da população de Barcelona que queimou igrejas e conventos, obrigando as autoridades a abandonar a cidade. No período da revolta, Ferrer encontrava-se de visita a um irmão que morava em Barcelona. A repressão que se seguiu à Semana Trágica prendeu e condenou dezenas de pessoas, entre elas Ferrer, preso no dia 1 de setembro. O Tribunal de Guerra reunido para os julgamentos aplicou penas que variavam de prisão perpétua à execução. A favor de Ferrer levantaram-se vozes em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Mas para que a 'ordem' monárquica e eclesiástica se restabelecesse era imperioso que Ferrer fosse julgado no Tribunal de Guerra, sem testemunhas de defesa.

No dia 09 de outubro, o Conselho de Guerra abriu a sessão e ouviu as contraditórias testemunhas que acusavam Ferrer. A acusação que pesava sobre Ferrer de ser o líder intelectual da Semana Trágica baseava-

se unicamente numa denúncia formulada numa carta remetida por prelados de Barcelona.



No mesmo dia foi dado o veredicto final: a pena de morte. A execução ocorreu em 13 de outubro de 1909, na Fortaleza de Montjuich.

\*agência de notícias anarquistas-ana\*

Eolo Yberê Libera

Fonte:

<http://redelibertaria.blogspot.pt/2009/10/francisco-ferrer-i-guardia-fundador-da.html>

## O assassinato de Ferrer nos Açores

O assassinato de Ferrer foi condenado, entre outros, pelos jornais “Vida Nova” e “O Repórter”.



A 10 de Novembro de 1909, João Anglin, então estudante e anarquista, que depois aderiu ao Estado Novo, escreveu no jornal “Vida Nova”:

*“...Assim também Francisco Ferrer, a infeliz vítima da malta reaccionária, dessa horda de facínoras que para vergonha nossa ainda campeia infrene, acaba de ser cobardemente assassinado em Barcelona. A reacção desde há muito tramava contra a existência desse grande vulto, desde há muito tentava perdê-lo. Buscou a ocasião propícia e achou-a.*

*Estão saciados os ódios, estão satisfeitas as feras!!”*

O jornal “O Repórter”, cujo proprietário e diretor era o socialista Alfredo da Câmara, no dia 24 de Outubro de 1909, publicou um texto onde a dado passo pode ler-se:

*“ não é impunemente que se mata ou manda matar um Ferrer, entidade de destaque no campo das lutas pelas reivindicações sociais; não é impunemente que se arremessa um cartel de desafio aos explorados, para regalo dos exploradores, aos pobres e aos humildes para tranquilidade dos argentários poderosos...”.*

No dia 31 de Outubro do mesmo ano, o articulista de “O Repórter” escreveu que “a execução de Ferrer foi um assassínio monstruoso, levado a cabo pelos jesuítas e congreganistas espanhóis de cumplicidade com um governo de camândulas e de punhal”.

Fonte:

<http://www.correiodosacores.info/index.php/opiniaio/9739-francisco-ferrer-i-guardia>